

## **Criação e Re-Criação do Pensamento: por uma Filosofia que destrua Mitos<sup>1</sup>**

**Creation and Re-Creation of Thought: for a philosophy that destroys myths.**

LARISSA FARIAS REZINO

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestrado em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente é doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).  
[larissafrezino@gmail.com](mailto:larissafrezino@gmail.com)

### **RESUMO:**

É comumente entendido pelos estudiosos da área que a filosofia, enquanto uma atividade racional, desde os seus primórdios, tem como intuito conduzir o pensamento na travessia do campo do *doxa* para o campo da *episteme*. Sair do dogmatismo, para o pensamento consoante ao *logos*. Entretanto, como a história não se faz em um movimento linear e, às vezes, recupera questões que pareciam superadas, vivemos hoje uma conjuntura conturbada para o exercício do pensamento crítico. De modo tal que uma vez com a dúvida instaurada nos parecer ser necessário responder “O que é” e “para que serve” a filosofia?. Nos propomos a pensar junto com o filósofo francês Gilles Deleuze e encontrar em seus textos uma argumentação satisfatória. Investigaremos, principalmente, os livros *O que é Filosofia?* e o livro *Nietzsche e a filosofia*. Nossa escolha não é à toa. A obra de comentário aponta as direções da teoria que foi formulada posteriormente no livro escrito a quatro mãos; sendo a primeira um prólogo de certos conceitos desenvolvidos na segunda. Desejamos aproximar o leitor da teoria em questão através de uma explicação clara e detalhada sobre os movimentos e potencialidades que compõem o percurso da criação do pensamento diferencial – genuinamente sem imagem – e do pensamento filosófico.

**Palavras-chave:** Filosofia. Dogmas. Criação. Questões. Diferença.

### **ABSTRACT:**

It is commonly understood by scholars in the field that philosophy, as a rational activity, since its inception, has been intended to lead thought across the *doxa* field to the *episteme* field. Go out from dogmatism to thinking in consonance with *logos*. However, as a story does not cause linear motion and sometimes recovers issues that seem outdated, we are now living in a troubled juncture for the exercise of critical thinking. Under those circumstances, that with a question posed is necessary opinions answer "What is" and "what is the purpose of" a philosophy? We propose to think together with the French philosopher Gilles Deleuze and find in his texts a satisfactory argument. We will investigate mainly the books *What is Philosophy?* and the book *Nietzsche and philosophy*. Our choice is not for nothing. The commentary points to the directions of the theory that was later formulated in the four-handed book; the first being a prologue to certain concepts developed in the second. We want to bring the reader closer to the theory in question through a clear and detailed explanation of the movements and potentialities that make up the path of the creation of differential thinking - genuinely without image - and philosophical thinking

**Keywords:** Philosophy. Dogmas. Creation. Questions. Difference.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido para avaliação em 27/09/2019 e aprovado em 01/10/2019.

\*  
\*                      \*

*Ou a filosofia é o risco superior da vida ou ela não serve para nada.*  
Cláudio Ulpiano

## 1 Da filosofia, da besteira e da verdade.

Deleuze é um pensador de pares. Não apenas com Guattari, mas desde seus primeiros escritos é visível sua aliança com pensadores que permaneceram subjacentes a tudo aquilo que ele escreveu. Manteve-os sempre em sobrevoos em seus livros. Pontuamos isso, pois, trazemos para a discussão o livro *Nietzsche e a filosofia* que a primeira vista parece um livro de comentário, mas ao nos aproximarmos do conteúdo da obra a percepção inicial se modifica. O livro traz uma leitura própria do pensamento do outro pensador: um viés constante em Deleuze ao fazer história da filosofia. Tal livro de comentário<sup>2</sup>, publicado na década de 60, nos parece o campo germinativo da teoria que será apresentada anos depois, na década de 90, quando Deleuze e Guattari respondem a questão *O que é filosofia?*. Publicada em 1991, a segunda obra em destaque compõe o acervo de escritos da maturidade do filósofo francês, mas ainda comporta questões presentes em seu pensamento desde os seus primeiros escritos. Em *O que é filosofia?* os autores discorrem esquematicamente sobre o movimento do pensamento e as áreas de criação e, entre outras questões, indagam a respeito da subversão das categorias que sistematizam o pensamento em moldes específicos. Nota-se uma argumentação crítica que reitera a antiga proposta deleuziana de reformulação do saber para o pensamento da diferença, mas também uma tentativa pedagógica de responder *o que é e como se faz filosofia*.

Assim, quando Deleuze e Guattari questionam no prólogo da obra “mas que é isso que fiz toda a minha vida?” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 7), a resposta não se limita, apenas, ao que é apresentado sequencialmente no livro, mas vem desde muito antes. Os autores reconhecem acerca de tal inquietação: “antigamente nos a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial (...). Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.7). No mais, a resposta não se esgota e pode ser dada de inúmeras formas. Responder o que é filosofia é propriamente um exercício filosófico.

---

<sup>2</sup> A classificação “livro de comentário” é problemática, por isso não deixamos de considerar todas as ressalvas possíveis dessa afirmação quando tratamos do pensador em questão. Porém, tal discussão não sabe nesse artigo.

Nessa perspectiva, a filosofia tem como base a ideia de que fazer filosofia é responder as questões do seu tempo e também aquelas colocadas pela tradição. Para nós, é interessante responder a tal questão nos dias de hoje. Pois, estamos inseridos em um contexto político-social no qual o exercício acadêmico do pensamento filosófico vem sofrendo todos os tipos de ataques (moral, ético, social, político, econômico, estético). O que nos parece que em tempos de crise tudo aquilo que pende ao *sensu* tende-se mal compreendido. Não nos é indiferente que a necessidade da defesa do exercício de pensamento crítico no início do século XXI atinja o absurdo; ou a sensação de que nos perdemos no tempo e no espaço a ponto de nos questionamos, assim como fez Bertolt Brecht, sobre quais tempos são esses em que precisamos defender o óbvio? É uma tarefa árdua, mas temos, também, o nossos pares que nos incita a resposta. Como, por exemplo, o livro *Nietzsche e a filosofia* no qual Deleuze utiliza a palavra “besteira” para referir-se a um formato de pensamento e de expressão de pensamento que se estrutura em argumentos de bizarrices, contrário aos argumentos filosóficos. Segundo ele “a besteira é uma estrutura do pensamento como tal: não é uma maneira de se enganar; ela expressa de direito os contrassenso no pensamento. A besteira não é um erro nem um tecido de erros” (DELEUZE, 2018, p. 56), mas é propriamente a alogia e que, às vezes, pode ser entendida como verdadeiro. A questão do erro e a da verdade na filosofia é interessante: ao nos posicionarmos diante do contexto do livro e dos autores em debate nos desviamos da direção teórica que compreende a verdade como uma categoria universal e irrefutável. Ao contrário, na perspectiva em questão, a verdade é referente a um tempo e ao acordo comum ali estabelecido e que pode, ao longo dos anos, ser desconstruída e reinterpretada como um disparate. Assim, pois, a verdade não é um trajeto necessário do pensamento filosófico; pode-se pensar por perspectivas, ou, mais profundamente, “uma imagem do pensamento significa inicialmente o seguinte: o verdadeiro não é o elemento do pensamento. O elemento do pensamento é o sentido e o valor” (DELEUZE, 2018, p. 35). Por essa citação é percebido que entra em questão a qualidade do pensamento produzido, pois cabem as narrativas intituladas como verdadeiras certas torsões que as fazem caber em discursos nos quais o seu peso final some um contrassenso mesmo que formuladas por premissas “corretas”. Portanto, os usos das *besteiras* podem variar de discurso a discurso, mas, coloca Deleuze, aquilo que há de comum a todos eles é a sua baixeza. Citando:

Conhecem-se pensamentos imbecis, discursos imbecis que são feitos inteiramente de verdades, mas essas verdades são baixas, são as de uma alma baixa, pesada e de chumbo. *A besteira e, mais profundamente, aquilo de que ela é um sintoma: uma*

*maneira baixa de pensar.* Eis o que expressa de direito o estado de um espírito dominado por forças reativas. Tanto na verdade quanto no erro, o pensamento estúpido só descobre o mais baixo, os baixos erros e as baixas verdades que traduzem o triunfo do escravo, o reino dos valores mesquinhos ou a potência de uma ordem estabelecida. (...) Quanta baixeza para poder dizer isso, para poder pensar aquilo. (DELEUZE, 2018, p. 56)

O conceito de verdade como universal é uma derivação da estrutura cognitiva moderna acerca daquilo que interessa ou não ao pensamento; entendimento não compartilhado por Deleuze e tampouco nós concordamos. Contudo, por não compartilharmos dessa concepção de verdade, não estamos, ao contrário, defendendo o abstracionismo completo do pensamento em que todos os devaneios são convidados a se proclamar conceitos filosóficos. Na especificidade desse assunto dialogamos com a história da filosofia e com as estruturas teóricas que se estabeleceram nessa área do conhecimento; ou seja, é um embate entre as estruturas dos pensamentos filosóficos. Porém, quando nos lançamos ao uso comum da palavra “verdadeiro” e “verdade” temos que elevar o cuidado com os termos. Até porque a categoria da *pós-verdade* vem se instalando como referente aos filósofos do tempo histórico da pós-modernidade e se compactuamos com a ideia de que Deleuze e Guattari não tiveram o cuidado de criar teorias com correspondência com a realidade, teríamos que afirmar que os seus livros são apenas balbucios. E não concordamos com isso. No mais, no cenário político atual foi possível – aos atentos no assunto - ver o uso de verdades em torsões maximizadas que as tornaram notícias de mentiras virtuais, que alimentaram a engrenagem sistêmica a favor dos discursos de besteira. Exemplificando muitíssimo bem que “a besteira e a baixeza não param de formas novas amálgamas. A besteira e a baixeza são sempre as de nosso tempo, de nossos contemporâneos, nossa besteira e nossa baixeza” (DELEUZE, 2018, p. 138). Elas se formulam em respeito das questões que estão sendo levantadas no agora, no tempo presente. De modo tal que as estruturas do pensamento de um determinado tempo estão envolvidas e podem ser moduladas por elas.

Como dito, as besteiras não levam o pensamento erro, mas o direcionam ao abismo de si mesmo. Em outras palavras, “as categorias do pensamento não são o verdadeiro e o falso, mas o *nobre o vil, o alto e o baixo*, segundo a natureza das forças que se apoderam do próprio pensamento” (DELEUZE, 2018, p. 35). Por isso, colocamos que, pensar filosoficamente sempre foi também um ato político e, como percebido na atualidade, quando o discurso promovido pela besteira está em ascensão a filosofia torna-se, poderíamos chamar, a resistência ao contrassenso. De uma forma ou de outra, o discurso filosófico é labor da

razão que requer movimentos específicos em sua elaboração. Há nele especificidades que demonstraremos na sequência.

## 2. Do personagem, do plano e do conceito.

Indo em direção à argumentação da obra *O que é filosofia?* os autores enfatizam seus posicionamentos a favor da ruptura das divisões categoriais do pensamento e colocam as três áreas - a saber: filosofia, arte e ciência - no mesmo plano horizontal sem que haja entre elas uma hierarquia de importância ou de superioridade de suas linhas de produção de pensamento. Para os autores “o que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 233). Daí que o pensamento em suas variadas espessuras é sempre uma relação traçada com o caos; não no sentido de um resultado operacional de uma relação linear com o caos, mas como uma composição com o caos. Entendendo o caos não como um oco ou um nada, ele seria um virtual que contém todas as formas possíveis tanto no momento de atualização das formas como também em sua dissipação. Que por conter uma velocidade absoluta faz surgir, ou esvaziar, todas as formas possíveis. Por isso, consideram os autores nessa obra que pensar seria o mesmo que dar consistência ao caos. Nas palavras deles:

(...) O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma a outra, mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha já desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço. O caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso. O caos caotiza, e desfaz no infinito toda consistência (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 53).

As três áreas têm variações em comum: compartilham do mesmo pano de fundo, almejam e exercem o trabalho como uma ferramenta auxiliadora na busca do aprendizado; e também dividem o mesmo exercício de produção de pensamento. Como nos diz sobre esse tema o comentarista Roberto Machado: “para Deleuze, o objeto principal da filosofia é o exercício do pensamento presente na filosofia, mas também nas ciências, nas artes, na literatura. O pensamento não é privilégio da filosofia: filósofos, cientistas, artistas são antes de tudo pensadores” (MACHADO, 2009, p. 13). O que torna possível pensar por conceito com a filosofia, por funções com a ciência ou por sensações com a arte. Contudo, e

independentemente da área criadora, o pensamento considerado como potência do novo mantém-se o mesmo para Deleuze e Guattari: *o pensamento não dogmático, livre dos postulados da identidade, das formas do mesmo e do idêntico*<sup>3</sup>. As áreas do pensamento, ao exercitarem suas criações podem se apegar a produção de sua própria tradição ou das demais áreas. O relevante é manter seu olhar no horizonte do novo e do diferente, não com o intuito de responder a problemas colocados pela tradição, mas encontrar seus próprios problemas, visar seu desdobramento e traçar os movimentos que deles surgem.

Devido à horizontalidade que essas três áreas se encontram é possível a elas se deslocarem, se movimentarem e interferirem uma na outra, o que justamente aumentaria a qualidade do pensamento da diferença. Pensar dentro da caixa confortável de sua própria tradição interrompe o diálogo com o *de fora*. Domesticaria o pensamento em uma única linhagem e acabaria o deixando mórbido. Para os pensadores quanto mais interferências de outras áreas mais conexões com o *de-fora*, mais mundos possíveis se apresentariam diante do pensador. O pensador reconhece nas interferências as conexões e traça linhas de fugas do pensamento representacional, unindo-se em encontros para o pensamento diferencial.

Deleuze e Guattari consideram o ato de criação e de re-criação o ponto de partida para se pensar fora da identidade e da representação, em que cada área no seu enfrentamento com o caos obtém a sua criação singular. Processualmente falando, sendo o caos um virtual de velocidade infinita e sem consistência, o confronto da ciência com o caos, ou seja, a maneira pela qual a ciência cria, se dá no “plano de referência” através da interferência dos “observadores parciais”; resultando na criação de “funtivos/prospectos” – que seriam proposições que não se confundiriam com o juízo. No caso da arte, o campo de criação é o “plano de composição”, as interferências são as “figuras estéticas”, e então, criam-se “perceptos/afectos” que não se referem a percepções e afetos ou sentimentos. Na filosofia o campo de criação é chamado de “plano de Imanência”, seus interferentes são “personagens conceituais” e sua criação final são os “conceitos” – que não devem ser confundidos com ideias gerais e abstratas.

Nos capítulos I, II, III da primeira parte da obra *O que é Filosofia?* Deleuze e Guattari descrevem cuidadosamente todas as etapas do processo de criação de pensamento na especificidade filosófica que, como já dito, obtém como “produto final” de sua criação o conceito. Pensando juntamente com os autores o conceito, ou poderíamos dizer o “conceito

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

de conceito”, e aquilo que antecede sua criação, um dos fatores determinantes é sempre que há uma história por trás de sua criação ou sua re-criação, ou seja, “não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto cifras. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.23). Em outras palavras, não há conceito composto por apenas um único componente, mesmo o primeiro conceito “pelo qual uma filosofia ‘começa’, possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deve ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um outro ponto de vista” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 23). O inverso também vale nesse aspecto. Um conceito não pode abarcar todos os componentes em si senão tornar-se-ia um verdadeiro caos. Ele é formado por componentes que o definem como um todo, uma vez que o conceito totaliza variáveis componentes. Ao mesmo tempo em que é fragmentário, pois se compõe de uma variedade de elementos. Daí que um conceito sempre será uma relação de articulação, corte e superposição de seus componentes. Definir o conceito como uma totalidade fragmentária,

(...) significa que, em vez de ser algo simples, o conceito é uma totalidade, uma articulação de elementos, de componentes, eles mesmo conceituais, distintos, heterogêneos, mas inseparáveis, intrinsecamente relacionados, agrupados em zonas de vizinhança ou de indiscernibilidade (MACHADO, 2009, p. 16).

Um conceito filosófico tem interferências de outras formas de saber e de outras expressões como pontes que tocam as áreas e liberam o caminho para a troca com os conceitos, formando, assim, a história por trás da criação do conceito. O que sobressai dessa relação de interferência é que as diversas formas de criação são válidas à medida que auxiliam o pensamento a quebrar os ditames do pensamento representacional e a formular uma nova imagem do pensamento sem imagem, ou seja, do pensamento da diferença.

Retomando o argumento geral de criação de conceito, há uma distinção quando os autores consideram as tensões de devir no conceito com a história que o compõe. Ao tratarem da história do conceito os autores ratificam que o conceito não é criado ao simples acaso, mas que as diversas peculiaridades de conceitos anteriores e de outros filósofos interferem na criação do novo conceito que não perde sua originalidade devido às interferências de outros conceitos ou do *de fora*. Pois, “em geral, se os conceitos anteriores puderam preparar um conceito, sem por isso constituí-lo, é que seu problema estava ainda enlaçado com outros, e o plano não tinha ainda a curvatura ou os movimentos indispensáveis” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 36). Ao passo que o devir do conceito

mobiliza as possíveis conexões dos elementos em um mesmo conceito e as conexões do conceito com outros conceitos sob mesmo plano de imanência. Ainda que os conceitos estejam no mesmo plano as histórias de cada um deles não precisam se assemelhar, o devir embaralha essas histórias. Cada “conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação. (...) O plano é necessário fazê-lo, e os problemas, colocá-los, como é necessário criar os conceitos” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 36). Devido à profusão conceitual explícita nessa teoria não existe a valoração moral do melhor ou pior conceito, tampouco uma relação comparativa. O novo conceito que fechou lacunas do conceito que o influenciou, não é melhor que o antigo por ser “menos frágil conceitualmente”. Do mesmo modo que o conceito que se formou na transversalidade com o *de fora* e se apropriou de interferências das outras áreas para compor-se não é débil quando pensado pelo viés filosófico. O conceito não é visto como melhor a partir da rígida estrutura teórica em que foi construído, mas é visto como conceito de potencialidade diferencial se há nele uma impulsão à continuidade do pensamento ou a criação de novos conceitos. Nos diriam os autores que “se um conceito é ‘melhor’ que o precedente, é porque ele faz ouvir novas variações e ressonâncias desconhecidas, opera recortes insólitos, suscita um Acontecimento que nos sobrevoa” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 36).

Seguindo a didática argumentativa do livro *O que é Filosofia?* chegamos no segundo componente de criação do pensamento filosófico, que Guattari e Deleuze nomeiam como “plano de imanência”. O plano de imanência não é um conceito e nem o conceito é um plano, eles são relativos um ao outro, mas não devem ser confundidos. “Se estes fossem confundíveis, nada impediria os conceitos de se unificarem, ou de se tornarem universais e de perderem sua singularidade, mas também nada impediria o plano de perder sua abertura” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 45). O plano não faz parte da conjuntura dos conceitos, mas é a extensão sobre a qual eles sobrevoam. Para Deleuze e Guattari a filosofia é um construtivismo que envolve dois aspectos complementares: criar conceitos e traçar um plano. Como dito, os conceitos em uma teoria filosófica podem ser variados e de número infinito, porém o plano de imanência é único. Há somente um plano de imanência em uma teoria filosófica e é ele que agrupa os conceitos. O plano de imanência é anterior ao conceito, enquanto os conceitos ainda estão sendo criados, elaborados, o plano já se formou. Acerca da relação de composição entre plano de imanência e conceito encontra-se na obra supracitada uma passagem esclarecedora e contundente sobre o tema. Colocamos abaixo tal trecho:

Os conceitos são o arquipélago ou ossatura, antes uma coluna vertebral que um crânio, enquanto o plano é a respiração que banha essas tribos. Os conceitos são superfícies ou volume absoluto, disformes e fragmentários, enquanto o plano é o absoluto ilimitado, informe, nem superfície nem volume, mas sempre fractal. Os conceitos são agenciamentos concretos como configurações de uma máquina, mas o plano é a máquina abstrata cujos agenciamentos são as peças. (...) Os conceitos ladrilham, ocupam ou povoam o plano, pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é o meio indivisível em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a continuidade: eles ocupam sem contar (a cifra do conceito não é um número), ou se distribuem sem dividir. O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos mesmos que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos. O plano não tem outras regiões senão as tribos que o povoam e nele se deslocam. É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 46).

A respeito do envolvimento entre plano de imanência e conceito os autores afirmam que ambas as categorias se movimentam, se entrelaçam, se agrupam, se separam, não sendo de modo algum estáticas. Contudo, o movimento efetuado no plano de imanência é distinto do movimento que acontece nos conceitos. Os movimentos que ocorrem nos conceitos são finitos e de velocidades infinitas e agitam seus componentes. Já o plano possui movimentos infinitos circulares que vão e voltam por todo seu entorno. Além de ser infinito, o movimento no plano também é duplo em uma reversibilidade que vai do finito ao infinito, sendo “neste sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. Ou antes, o movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 48). No movimento perpétuo do plano, ele tece um enorme tear que não para de crescer e expandir em todas as direções possíveis. Até mesmo as direções que levam o pensamento ao suposto “erro” contribuem para a expansão do plano.

Na relação de sustentação e entrelaçamento entre o plano e conceito, o plano de imanência torna-se ininteligível a uma conceituação. Como algo que não pode ser pensado e nem pensável. Ao mesmo tempo em que, e paradoxalmente, constitui a imagem do pensamento: “a imagem do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento...” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 47). Sem se aproximar de um método aplicado por imagens ou conceitos, nem tampouco um conhecimento sobre o funcionamento do cérebro humano que se limita a conhecer estados de coisas determináveis por categorias do pensamento, também não como uma mera especulação a respeito do que vem a ser o pensamento e o pensar. O plano de imanência, ou “a imagem do pensamento”, implica uma severa repartição do *fato* e do *direito*: “o que concerne ao pensamento, como tal, deve ser

separado dos acidentes que remetem ao cérebro, ou às opiniões históricas” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 47). A formulação teórica do plano de imanência procura descartar as falsas especulações acerca do pensamento e das qualidades que atribuímos a ele, como por exemplo, reflexão, contemplação, etc. Para ao fim do garimpo atinar aquilo que é seu por direito: pensamento genuinamente pensamento.

A partir da ótica dos autores o pensamento só reivindica como seu aquilo que lhe pertencia *a priori*. Nesse caso, os movimentos que podem ser direcionados ao infinito. Mais uma vez retomamos ao que pertence ao pensamento: os movimentos infinitos que constituem o pensamento sem imagem. E que o plano é o que permite orientar-se no pensamento mesmo sem um ponto de referência sobre o que vem a ser pensar. Daí que são os movimentos das ordenadas intensivas, equivalentes aos conceitos, que quando colocados em um diagrama, que seria o plano, transitam por todo o plano e percorrem todas as direções até englobarem várias intensidades. Não sendo mais possível traçar um critério delimitador do que vem a ser sujeito e do que vem a ser objeto, pois tudo se torna conceito. Na perspectiva tradicional racionalista sobre sujeito-objeto, e utilizando um exemplo dos autores, quando o sujeito observa o horizonte lhe parece que o horizonte movimenta-se diante dele que permanece estático. Mas entendendo o plano de imanência como o horizonte absoluto que a tudo integra; então, na perspectiva defendida, tudo está em movimento. Quer dizer que tudo e todos devem ser lançados no caos e pensados filosoficamente. Sobre os movimentos dentro do plano de imanência e a inconstância do mesmo, apontam os autores que,

Diversos movimentos do infinito são de tal maneira misturados uns com os outros que, longe de romper o Uno-Todo do plano de imanência, constituem sua curvatura variável, as concavidades e as convexidades, a natureza fractal. É esta natureza fractal que faz do planômeno um infinito sempre diferente de toda superfície ou volume determinável como conceito. Cada movimento percorre todo o plano, fazendo um retorno imediato sobre si mesmo, cada um se dobrando, mas também dobrando outros ou deixando-se dobrar, engendrando retroações, conexões, proliferações, na factalização desta infinidade infinitamente redobrada (curvatura variável do plano) (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 49).

A relação, ou pode-se dizer a semi-relação, entre o pensamento e o caos é caracterizada pela “impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra já tenha desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 53). Assim sendo, o plano de imanência acontece no *entre* dessas categorias. Como um corte no caos, o plano

procurar adquirir consistência em meio à caotização que desfaz ao infinito toda consistência a fim de fertilizar o espaço para o surgimento do pensamento novo. Pelo fato do caos também comportar o construtivismo do pensamento, seria esse aspecto o maior obstáculo para a criação do pensamento filosófico: adquirir consistência sem recusar o infinito do caos em que o pensamento se insere, ou seja, “dar consistência sem nada perder do infinito<sup>4</sup>”. Por isso, ao operar um corte no caos, conseqüentemente, o plano necessitará da criação de conceitos para lhe compor e lhe sustentar. Depois, uma vez instaurado o plano de imanência, contém nele as curvaturas variáveis que resguardam os movimentos infinitos que retornam sobre si como também traçam novas trocas dentro desse movimento incessante; curvaturas e variáveis herdadas do caos. Cabe, então, ao conceito traçar coordenadas intensivas de movimentos finitos sobre os movimentos infinitos do caos, a fim de conseguir contornos variáveis sobre o plano que quando se entrelaçam desenham a estrutura do pensamento.

O plano de imanência é folheado e, por assim ser, é impossível, sob apenas um ponto de vista, “agrupar as folhas diferentes sobre um período bastante longo, ou, ao contrário, separar as folhas sobre um plano que parecia comum” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 63). Não necessariamente todo grande filósofo traçou uma nova imagem do pensamento, um novo plano de imanência. Contudo, os pensadores que foram consagrados pela tradição se não instauraram um plano, ao menos repensaram os planos anteriormente construídos a fim de encontrar problemas ou renovar os elementos do plano. Pode acontecer que mais de um filósofo tenha construído seu pensamento sobre o mesmo plano de imanência, como pode também acontecer dos filósofos que precederam o plano atribuírem o título de mestre para aquele que traçou a imagem do pensamento como ocorreu com Platão e os neoplatônicos, por exemplo. O comum a todo grande filósofo consagrado pelo tempo é que, de uma forma ou de outra, modificaram os pressupostos do que significa pensar.

O tempo do pensamento filosófico se desenvolve no contrapasso do tempo cronológico. É difícil definir se durante um período histórico houve somente um ou variados planos que conduziram o pensamento de uma época. O tempo da filosofia é um *tempo estratigráfico* no qual não há uma ordem de superposição entre o antes e o depois, mas, sim, uma ordenação de disposições temporais paralelas na formulação do plano, que comporta interferência de processos, caminhos, curvas variáveis, superposições de suas folhas, até a sua

---

<sup>4</sup> DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.53.

criação. É o tempo da coexistência dentro do devir infinito. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

O tempo filosófico é assim um grandioso tempo de coexistência, que não exclui o antes e o depois, mas os superpõe numa ordem estratigráfica. É um devir infinito da filosofia, que atravessa sua história mas não se confunde com ela. A vida dos filósofos, e o mais exterior de sua obra, obedece a leis de sucessão ordinária; mas seus nomes próprios coexistem e brilham, seja com pontos luminosos que nos fazem repassar pelos componentes de um conceito, seja como os pontos cardeais de uma camada ou de uma folha que não deixam de visitar-nos, como estrelas mortas cuja luz é mais viva que nunca. A filosofia é devir, não história; ela é a coexistência de planos, não sucessão de sistemas (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 72).

Por não haver um só plano nem mesmo em um curto período de tempo, o devir está integrado ao plano de imanência através do traço diagramático. Que é entendido como a pulsão intensiva que orienta o pensamento dentro do plano e que por sua vez entra em oposição com as determinações rivais de sua orientação. Quando ocorre uma mudança do traço diagramático do plano vindo a ser substituído por uma nova determinação, muda-se também a imagem do pensamento e com ela “os movimentos infinitos nos quais o pensamento se perde e se conquista” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 65). O traço no plano não é isolável, ao contrário, ele afeta todo o conjunto. Ao modificar as nuances sobre aquilo que cabe ao pensamento por direito, similarmente modificam-se os traços. Não apenas em quesitos positivos ou negativos, que pertencem ou não ao pensamento, mas também em sentidos ambíguos “que se tornam eventualmente cada vez mais numerosos, e que não se contentam mais em dobrar segundo uma oposição vetorial de movimento” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 67). Exemplificando, enquanto a imagem clássica racionalista considerava a irracionalidade como um desvio do pensamento que o levava ao erro e o erro era considerado malévolo, Guattari e Deleuze executam um desvio moral em suas teorias. Para eles os fluxos do pensamento como o erro, a ilusão, ou o delírio, podem desviar o pensamento do mesmo e expandir suas variáveis pensantes. Um fim como verdade única deixa de ser a meta do pensamento, e a oposição vista como complementar “problema e verdade” na filosofia ganha proporções mais complexas. Consideram que:

O primeiro caráter da imagem moderna do pensamento é talvez o de renunciar completamente a esta relação, para considerar que a verdade é somente o que o pensamento cria, tendo-se em conta o plano de imanência que se dá por pressuposto, e todos os traços deste plano, negativos tanto quanto positivos, tornados indiscerníveis: pensamento é criação, não vontade de verdade como Nietzsche soube mostrar (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 67)

Dentro da tríplice divisão da criação filosófica, outro elemento que participa da formulação do pensamento são os personagens conceituais. Ao proporem a ideia de personagem conceitual, Deleuze e Guattari enfatizam a intersecção dos filósofos em se apoderarem de personagens de outras esferas – literárias, ficcionais, históricas e etc – para compor seu pensamento. Os personagens seriam ferramentas que auxiliariam a romper as delimitações entre a filosofia com as outras áreas, além de contribuírem com o diagrama dos conceitos e participarem do movimento do pensamento. Assim, em todo pensamento filosófico, mesmo que sua participação não esteja escancarada com um personagem nomeado, sempre há a presença de personagens conceituais subjacente ao pensamento.

O personagem conceitual além de compor a teoria filosófica à medida que anuncia o movimento do pensamento do plano, também recobre a identidade personalista do próprio filósofo dando voz a ele. Como heterônimos para os filósofos, os personagens conceituais despersonalizam o pensador ao desconectar o sujeito do escrito. Para os pensadores, “o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 78). Daí que a teoria deixa de ser relacionada a um sujeito e passa a ser referida a um personagem, uma vez que “o dêitico filosófico é um ato de fala em terceira pessoa, em que é sempre um personagem conceitual que diz Eu: eu penso enquanto Idiota, eu quero enquanto Zaratustra, eu danço enquanto Dionísio, eu aspiro enquanto Amante” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 79), de tal modo que o nome próprio do filósofo torna-se o pseudônimo do personagem. O Eu do sujeito filósofo entra em devires que o fazem ressurgir não mais como sujeito, mas como diversas outras possibilidades de *eus* a cada novo atravessamento em lugares variados no plano.

Os personagens conceituais surgem devido ao turbilhão de pensamentos que afetam constantemente o filósofo e se desenvolvem sobre o plano que o atinge em diferentes momentos, movimentos e lugares. Assim, “o personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia, que vale para o filósofo, de tal modo que Cusa ou mesmo Descartes deveriam assinar ‘o Idiota’” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 79), por exemplo. É fácil identificar alguns personagens conceituais que se apresentam nitidamente nas teorias durante toda a tradição filosófica, e em muitos dos casos não há como dissociar o pensador do personagem com que ele caracterizou seu pensamento. Vemos, como citado acima, os personagens traçados por Nietzsche: Zaratustra, Dionísio, e poderíamos acrescentar outros como o Super-

Homem; no platonismo encontramos Sócrates, um personagem de nome próprio que tanto participa dos diálogos como instaura um plano de imanência. Diferencia-se Sócrates, um personagem conceitual, dos demais personagens que aparecem nos diálogos tendo como referência a produção do pensamento, pois cada um exerce papel singular nos escritos. Os personagens de diálogos não constroem conceitos, mas participam do diálogo que os conceitos povoam: eles opinam, falam de conceitos estabelecidos e auxiliam na comunicação. Enquanto que os personagens conceituais têm outros feitos. Estão em relação direta com a criação de conceito e participam do movimento do pensamento do filósofo auxiliando a instaurar o plano de imanência. Ambas são peças fundamentais na engrenagem *maquínica* do pensamento novo, fazendo-se necessária a coexistência da pluralidade de personagens. Enquanto o conceitual se entrelaça com o plano e o conceito, completando com os autores,

o personagem de diálogo expõe conceitos: no caso mais simples, um entre eles, simpático, é o representante do autor, enquanto os outros, mais ou menos antipáticos, remetem a outras filosofias, das quais expõem os conceitos, de maneira a prepará-los para as críticas ou as modificações que o autor lhes vai impor. (...) Assim, mesmo quando são "antipáticos", pertencem plenamente ao plano que o filósofo considerado traça e os conceitos que cria: eles marcam então os perigos próprios a este plano, as más percepções, os maus sentimentos ou mesmo os movimentos negativos que dele derivam, e vão, eles mesmo, inspirar conceitos originais cujo caráter repulsivo permanece uma propriedade constituinte desta filosofia (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 78).

Na relação idiossincrática entre o filósofo e o personagem conceitual, o filósofo se transforma em seus personagens e os personagens se transformam em outra coisa como uma nova possibilidade sobre algo que rompe com os pressupostos pelos quais ele era compreendido e estabelecido anteriormente. Sabendo que um mesmo personagem transforma-se em outro através da variável apoderação dos filósofos, os autores utilizam o personagem do Idiota para demonstrar a variação que um mesmo personagem nomeado pode sofrer dependendo do posicionamento teórico do autor. Em um primeiro momento eles apresentam o personagem do "Idiota" para René Descartes, que tem como premissa as evidências empíricas e desconfia de tudo em prol de alcançar, através de um raciocínio lógico, a verdade natural. Esse personagem conceitual "é aquele que diz Eu, é ele que lança o cogito, mas é ele também que detém os pressupostos subjetivos ou que traça o plano. O idiota é o pensador privado (...) forma um conceito com forças inatas que cada um possui de direito por sua conta (eu penso)" (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 76). Num segundo momento os autores consideram o personagem do Idiota de Levi Chestov. Personagem que possui

características outras e compõe nova subjetividade, nesse contexto o trabalho de Dostoievski contribuiu para criar novas peculiaridades que o coloca o “Idiota” sob o prisma de um novo plano de imanência. O Idiota de Chestov é desapegado dos pressupostos racionais ao desejar o absurdo. Mais que isso: “quer fazer do absurdo a mais alta potência do pensamento, isto é, criar” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 77). Seu desejo reside naquilo que a razão não soube lidar, ou seja, o incompreensível. Através da exposição desses dois personagens nomeados como “Idiota”, os autores demonstram que o posicionamento de um personagem é inverso ao outro. O que reitera a ideia que o personagem pode ser repetido, mas que cada autor o cria à sua maneira. Outro aspecto interessante desses exemplos é que mesmo que o elemento “personagem conceitual” seja um elemento da criação filosófica, ele pode advir de qualquer outra área e interferir com igual potência significativa na criação do conceito.

Distinguir duas variações de personagens não finaliza o leque de personagens que podem compor uma teoria. Em sentido amplo, os personagens conceituais são diversos e se distinguem principalmente por sua relação com o plano. Aprofundando a ideia: o plano de imanência embaralha a variedade de traços que compõe um personagem conceitual, tornando variável os seus traços fundantes. Pode haver *traços páticos* nos personagens: traços que marcam a interferência direta do personagem sobre o pensamento, tanto no sentido de movimentar o pensamento a pensar e vasculhar o que há de anterior ao pensamento; ou com a constatação de que não há a capacidade de pensamento naquele personagem. Ou então *traços relacionais*: se referem às relações traçadas entre personagens que pretendem o mesmo conceito. Relação que tanto pode ser de disputa em prol de averiguar qual deles tem maior equivalência ao pensamento, ou então, uma relação de movimento e de interferência de um personagem no outro, visando à mutação do pensamento através dessa interferência. Os autores colocam que “os personagens proliferam e bifurcam, se chocam, se substituem...” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 87). Outra possibilidade de *traços* são os *dinâmicos*. Eles evidenciam as diferenças energéticas e de dinamismo entre um personagem e outro, fazendo surgir outra forma de ser e se portar mediante as potências que tocam o pensamento. Deleuze e Guattari apontam que “avançar, trepar, descer são dinamismos de personagens conceituais, saltar à maneira de Kierkegaard, dançar como Nietzsche, mergulhar como Melville são outros, para atletas filósofos irreduzíveis uns aos outros” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 87). Mas, quando o pensamento passa a exigir o que lhe “cabe de direito”, por um traço intensivo caracterizado como propriamente seu, Deleuze e Guattari denominam como os *traços jurídicos* no personagem conceitual. Por fim, há também os *traços existenciais* que,

neste caso, residem no próprio filósofo. Uma vez que o filósofo é composto por um leque personagens que são, por sua vez, possibilidades de devires de vida, os personagens conceituais são para os filósofos como anedotas de seus comportamentos e pensamentos singulares: fatores que substituem o sujeito filósofo por uma figura caricatural. Sobre o último traço apresentado, os autores afirmam que, citando,

As possibilidades de vida ou os modos de existência não podem inventar-se, senão sobre um plano de imanência que desenvolve a potência de personagens conceituais. O rosto e o corpo do filósofo abrigam estes personagens que lhes dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos. As anedotas vitais contam a relação de um personagem conceitual com animais, plantas ou rochedos, relação segundo a qual o próprio filósofo se torna algo de inesperado, e adquire uma amplitude trágica e cômica que ele não teria sozinho (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 89).

O exercício do personagem conceitual, como potência de criação, se dá no próprio exercício do pensamento por serem eles próprios pensadores. Sendo sua característica de maior relevância para a produção do pensamento a diferença é que o personagem conceitual reside no *entre*: entre plano de imanências (traços diagramáticos) e o conceito (traços intensivos). São intercessores que interferem diretamente no pensamento uma vez que esses personagens pensadores que se relacionam com o plano da imanência e o conceito. Eles “têm como papel manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 84), por isso a relação entre o plano, o conceito e o personagem conceitual é relacional e constantemente mutável à medida que o devir de um desses conceitos interfere no movimento de construção e sustentação do outro. Estando os personagens no meio desta tríplice relação, pois são eles que movimentam os traços diagramáticos e o caos do plano, assim como os traços intensivos dos conceitos que povoam o plano. Ora, o personagem conceitual “mergulha no caos, tira daí determinações das quais vai fazer os traços diagramáticos de um plano de imanência” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 91), agrupando diversos dados da relação “acaso-caos” que formam o diagrama do plano. Quando observado os dados isoladamente, o personagem conceitual “faz corresponder os traços intensivos de um conceito que vem ocupar tal ou tal região” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 91) do plano de imanência. Ao considerar que “os personagens conceituais constituem os pontos de vista segundo os quais planos de imanência se distinguem ou se aproximam, mas também as condições sob as quais cada plano se vê preenchido por conceitos do mesmo grupo” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 92), é

viável concluir que são eles que intermediam a relação entre o plano e o conceito. Como intercessores, os personagens conceituais aproximam ou o repelem o plano da imanência de outros planos. Como também são eles que conferem as direções de movimentos para a criação dos conceitos que preenchem o plano.

### 3. Do que é, da serventia, do interesse.

Ao longo do artigo apresentamos algumas possíveis respostas a respeito *do que é filosofia, do que ela cria e porque ela cria*; cabe agora argumentarmos a respeito de sua utilidade. Entretanto, a resposta acerca dessa questão nós não iremos procurar responder com nossas palavras. Consideramos que Deleuze escreveu uma das mais assertivas definições acerca da serventia da filosofia e sobre a ironia em questioná-la e entendemos que tal resposta deve ser citada na íntegra. Ele diz o seguinte:

Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, visto que a questão se pretende irônica e mordaz. A filosofia não serve nem ao Estado nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para *entristecer*. A filosofia que não entristece ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia. Ela serve para incomodar a besteira, fazer da besteira algo vergonhoso. Não tem outra serventia, a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento em todas as suas formas (DELEUZE, 2018, p. 136).

Dessa citação há uma ponderação importante a ser feita a respeito do termo “entristecer”: não há no discurso deleuziano uma apologia ao niilismo pessimista que encaminha as pessoas à indiferença no mundo, ou mesmo a afirmação da tristeza como potência geniosa de criação. Tal termo, parece-nos que, direciona para um outro sentido mais condizente com a filosofia de Deleuze. Se há uma espécie de tristeza “é porque eles [o que pensam filosoficamente] viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da morte. Mas esse algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 204). Afinal, desconstruir estruturas postas e recriá-las é um trabalho árduo que requer o enfrentamento de cada uma delas. Estar em posição de denuncia da baixeza é estar em constante combate com os locutores desses discursos, ou seja, contra o Estado, contra Igreja, contra os mitos, contra tudo aquilo que alimenta as ilusões e as opiniões. É um embate contínuo que perdura através do tempo, pois “diferentemente do conceito intemporal de erro,

a baixeza não se separa do tempo isto é, dessa transposição do presente, dessa atualidade na qual se encarna e se move” (DELEUZE, 2018, p. 138). Logo, é a mesma tristeza advinda da percepção da besteira que impulsiona para o seu enfrentamento. Ao longo de toda história da humanidade, e também da filosofia, sempre houve aquelas e aqueles que denunciaram a besteiras dos seus tempos em favor de um por vir que trouxesse o novo: um novo pensamento, um novo entendimento, um povo por vir. “Por isso a filosofia tem uma relação essencial com o tempo: sempre contra seu tempo, crítico do mundo atual, o filósofo forma conceitos que não são nem eternos nem históricos, mas intempestivos e inaturais” (DELEUZE, 2018, p. 138), ou seja, conceitos, também, contra as besteiras da ordem vigente. Uma tarefa em muitas vezes sorradeira e pouco visível; como um empurro no escuro onde não se sabe ao certo de qual direção veio a força, mas ou ele o impulsiona a queda ou a um passo à frente. Devido ao seu trabalho minucioso é comum o questionamento sobre a produtividade da filosofia. Como, por exemplo, na atualidade na qual a tentativa do seu descarte teve como fundamento sua *in-rentabilidade* através do argumento: se a filosofia não produz lucro, então ela não serve para nada. Tento tal discurso como plano de fundo, citamos novamente na íntegra, mais um trecho da obra *Nietzsche e a Filosofia* em que Deleuze é assertivo.

A besteira e a baixeza, por maiores que sejam, seriam ainda maiores se não subsistisse um pouco de filosofia, que as impedisse em cada época, de ir tão longe quanto gostariam, que lhes proibisse, mesmo que fosse por ouvir dizer, de serem respectivamente tão besta e tão baixa quanto cada uma desejaria por sua conta. (DELEUZE, 2018, p. 137)

É possível afirmamos, através da obra *O que é filosofia?*, que a filosofia, bem como as outras áreas do saber, se ocupam com o pensamento. Para os autores o pensamento não se cria a partir do nada e, por isso, há o cuidado com a sua criação. Para a dupla “todo pensamento é um *Fiat*, emite um lance de dados: construtivismo” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 92). Mas não um construtivismo como um quebra-cabeça pré-montado que antes de iniciar o jogo embaralham-se as peças; o jogo que compõe o pensamento está mais para um lance de dados no caos. Os autores nos falam sobre complexidade do jogo da criação do pensamento “porque o ato do lançar é feito de movimentos infinitos reversíveis e dobrados uns sobre os outros, de modo que a queda só ocorre em velocidade infinita, criando as formas finitas que correspondem às ordenadas intensivas destes movimentos” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 93). Assim, as potencialidades que geram o pensamento são infinitas e estão dispersas por todos os lugares e sentidos. Mas, é fato que o meio no qual o

sujeito está inserido lhe presta substratos de pensamento concernente aquele registro temporal. A filosofia não é a parte dessas potencialidades, contudo não deve se limitar somente a elas. Deve construir com e sem elas, com e sem outras formas de pensamento das antigas perspectivas; galgando o ir além.

Como, também, visto anteriormente no texto, a filosofia tem seus meios e sua singularidade, sendo somente do interesse dela certos exercícios (mesmo que possa dialogar com outras áreas sobre tais exercícios). É, pois, o seu exercício primeiro o pensamento livre dos postulados dogmáticos. Na obra *Nietzsche e a filosofia* Deleuze questiona: “existe alguma disciplina, fora da filosofia, que se proponha a criticar todas as mistificações, quaisquer que sejam sua fonte e seu objetivo?” (DELEUZE, 2018, p. 136). Nesse sentido, coube a filosofia levar *tudo* a seu limite a fim de encontrar o que há primordial e o que não; de encurralar os excessos a fim de fazê-los tombarem contra si; de “denunciar todas as ficções sem as quais as forças reativas não prevaleceriam. Denunciar, na mistificação, essa mistura de baixeza e besteira que forma tão bem a espantosa cumplicidade das vítimas e dos autores” (DELEUZE, 2018, p. 136). O seu exercício de criação de pensamento serve para barrar os absurdos e fazer os homens livres dos dogmas que os encurralam mesmo que invisivelmente: “fazer homens livres, isto é, homens que não confundam os fins da cultura com o proveito do Estado, da moral ou da religião. Combater o ressentimento, a má consciência que ocupam o lugar do pensamento. Vencer o negativo e seus falsos prestígios” (DELEUZE, 2018, p. 137), como claramente coloca Deleuze. Talvez por isso que nos momentos de instabilidade política a filosofia foi ideologicamente perseguida, repudiada e difamada. Sempre mal vista por ser ela uma ferramenta contra o poder. Afinal são os discursos políticos os que mais operam com os recursos da besteira. No mais, é visto que a filosofia não tem *um* lado político, pois ao longo de sua história ela problematizou todos os sistemas. Seu interesse é o de questionar todos os regimes para fazê-los perceber suas lacunas e incompetências. Romper com as amarras morais, sociais, políticas, cognitivas que engessam o ser humano é um exercício filosófico. Diante dessa conjuntura argumentativa, questionamos com nas palavras de Deleuze: e “quem tem interesse em tudo isso, a não ser a filosofia? A filosofia como crítica nos diz o mais positivo de si mesma: tarefa de desmistificação” (DELEUZE, 2018, p. 137), de ruptura, de desmitologização.

Para concluir, desejamos salientar que esse não é um texto de apologia. Buscamos tratar razoavelmente sobre os temas em destaque. Enquanto leitoras e praticantes do exercício filosófico temos consciência das dificuldades que tal pensamento nos proporciona, afinal

“pensar suscita a indiferença geral. E todavia não é falso dizer que é um exercício perigoso. É somente quando os perigos se tornam evidentes que a indiferença cessa, mas eles permanecem frequentemente escondidos, pouco perceptíveis. (DELEUZE & GUATARRI, 2010, p. 58). Todavia, a filosofia é um exercício do intelecto que mesmo com suas contrariedades mantém-se ativo. Advinda de um passado que não passa, desde a Grécia clássica até a atualidade, a filosofia perdura e desejamos vinda longa a ela. Isso porque concordamos com Deleuze que “se a tarefa crítica da filosofia não é ativamente retomada em cada época, a filosofia morre, e com ela a imagem do filósofo e a imagem do homem livre” (DELEUZE, 2018, p. 138), a sociedade embrutece e se entristece. E é o desejo do estado a produção de corpos tristes. Deleuze apontou todas as questões aqui levantadas ao longo de suas obras. O contexto era outro, mas aquilo que dele ficou e ainda ressoa é afirmação de uma filosofia que rompa os mitos em prol de um mundo de um povo porvir, melhor e menos triste. Seguimos aprendendo com a sua teoria e arriscando a pensar o nosso tempo. “Pensar é sempre seguir a linha de fuga do vôo da bruxa” (DELEUZE & GUATARRI, 2010, p. 58), pois ao pensamento não vale o erro, mas o risco.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, GUATTARI. Gilles, Félix. *O que é Filosofia?* / Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Editora 34, 3ª edição, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Traduzido por Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu Filho. – São Paulo: n-1 Edições, 2018.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução: Laymet Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.